ANÁLISE SETORIAL DAS SOCIEDADES NÃO FINANCEIRAS EM PORTUGAL 2009-2014

Estudos da Central de Balanços

Novembro 2014

BANCO DE PORTUGAL
EUROSISTEMA

18

18

ANÁLISE SETORIAL DAS SOCIEDADES NÃO FINANCEIRAS EM PORTUGAL 2009-2014

Estudos da Central de Balanços
Novembro 2014

BANCO DE PORTUGAL
EUROSISTEMA

Lisboa, 2014 • www.bportugal.pt

ANÁLISE SETORIAL DAS SOCIEDADES NÃO FINANCEIRAS EM PORTUGAL 2009-2014 | Estudos da Central de Balanços 18 | 2014 • Banco de Portugal Av. Almirante Reis, 71 | 1150-012 Lisboa • www.bportugal.pt • Edição Departamento de Estatística • Design, impressão, acabamento e distribuição Departamento de Serviços de Apoio | Serviço de Edições e Publicações • Tiragem 150 • ISBN 978-989-678-313-6 (impresso) • ISBN 978-989-678-314-3 *(online)* • ISSN 1647-967X (impresso) • ISSN 1647-9688 (*online*) • Depósito Legal n.º 320300/10

Nota prévia

No início de outubro de 2014, o Banco de Portugal passou a disponibilizar estatísticas que incorporam as alterações introduzidas pelas revisões dos manuais metodológicos internacionais, designadamente, do Sistema Europeu de Contas Nacionais e Regionais na União Europeia (SEC 2010). A principal alteração no setor das sociedades não financeiras (SNF) respeita à delimitação do respetivo universo, dada a reclassificação de algumas entidades que pertenciam ao setor das SNF nos setores das sociedades financeiras e das administrações públicas.

A presente análise baseia-se nos dados recolhidos através da Informação Empresarial Simplificada (IES) e tratados pela Central de Balanços do Banco de Portugal. Através da IES as empresas cumprem, de uma só vez, as obrigações de declaração das contas anuais junto dos Ministérios das Finanças e da Justiça, do Banco de Portugal e do Instituto Nacional de Estatística (INE).

A IES é normalmente reportada no prazo máximo de seis meses e meio após o fim do exercício económico, o que corresponde, para a maioria das empresas residentes em Portugal, ao dia 15 de julho do ano seguinte ao de referência dos dados. Para esta análise utilizaram-se os dados da IES de 2013, os mais recentes à data desta publicação.

A informação reportada pelas empresas na IES é objeto de um processo de controlo de qualidade no Banco de Portugal que visa, essencialmente, assegurar a coerência e a integridade da informação contabilística no exercício económico, assim como a consistência temporal dos principais agregados.

Para além da informação obtida através da IES, esta publicação incorpora informação complementar relativa à dívida financeira das empresas em Portugal, disponível a partir de outras bases de dados geridas pelo Departamento de Estatística do Banco de Portugal, nomeadamente a Central de Responsabilidades de Crédito (CRC).

Sumário

Em 2013, das 380 mil empresas em atividade em Portugal, 89% eram microempresas. Porém, as grandes empresas, representativas de apenas 0.2% do número de empresas, geraram a maior parcela do volume de negócios (43%). Face a 2009, é de salientar o aumento do número relativo de microempresas (+2 p.p.), apesar do volume de negócios se ter concentrado nas grandes empresas (+4 p.p.).

Esta caracterização do tecido empresarial português torna-se ainda mais evidente quando se constata que, em 2013, as 100 maiores empresas em Portugal (TOP 100) foram responsáveis por 27% do volume de negócios e por 7% do número de pessoas ao serviço do setor das sociedades não financeiras (SNF). Este grupo de 100 empresas gerou, em média, um volume de negócios por empregado, cinco vezes superior ao das restantes empresas.

Por setores de atividade económica, 74% das SNF operavam nos setores dos serviços (comércio e outros serviços), tendo sido responsáveis por 59% do volume de negócios. Face a 2009, a estrutura setorial, em número de empresas, sofreu poucas alterações. No entanto, em volume de negócios é notório um aumento da relevância da indústria (+4 p.p.), em detrimento da construção (-4 p.p.).

O número de empresas em atividade em Portugal aumentou 2% em 2013, com o maior dinamismo a verificar-se nas microempresas e no setor da agricultura e pescas.

No que respeita aos indicadores de atividade, o volume de negócios registou uma evolução marginalmente positiva em 2013 (0.2%), após uma contração de aproximadamente 6% em 2012.

A evolução conjugada dos rendimentos e gastos operacionais determinou um aumento de 12% no *EBITDA* em 2013. A melhoria observada neste indicador refletiu-se na rendibilidade dos capitais próprios, a qual, face a 2012, aumentou 3 p.p., retornando a valores positivos (3%) em 2013.

As grandes empresas continuaram a registar a rendibilidade mais elevada (7%), embora o crescimento tenha sido mais acentuado nas PME e nas microempresas. Em termos setoriais, a eletricidade e água continuou a ser o setor com maior rendibilidade dos capitais próprios (14%), encontrando-se a agricultura e pescas (-1%) e a construção (-4%) na posição oposta, não obstante terem evidenciado alguma recuperação face a 2012.

Apesar de 29% das empresas continuarem a registar capitais próprios negativos, o nível médio de autonomia financeira das sociedades não financeiras, em 2013, aumentou 2 p.p., face a 2009, tendo-se situado em 30%.

Os empréstimos bancários constituíram a principal fonte de capital alheio (28%), seguidos dos financiamentos obtidos junto de empresas do grupo (20%) e dos créditos comerciais (16%).

Os juros suportados diminuíram em 2013, o que, a par da evolução positiva do *EBITDA*, contribuiu para a redução da pressão financeira sobre o setor das SNF.

O financiamento por dívida comercial representava 16% do passivo das sociedades não financeiras em 2013. No entanto, em termos líquidos, o setor das sociedades não financeiras não obteve financiamento através da sua dívida comercial, tendo financiado os seus clientes numa proporção superior à obtida junto dos seus fornecedores.

A informação disponível para 2014, compilada pela Central de Responsabilidades de Crédito (CRC) do Banco de Portugal, revela que o *stock* total de empréstimos às SNF em junho de 2014 representava 78% do valor observado em 2009. A tendência de diminuição do crédito concedido às empresas foi acompanhada por uma degradação da sua qualidade. No final de junho de 2014, o rácio de crédito vencido, no valor de 14.7%, era 10.3 p.p. mais elevado do que no final de 2009.

Em termos setoriais, no final do primeiro semestre de 2014, a construção apresentava o rácio de crédito vencido mais elevado (25.9%), seguido do comércio (16.2%). Contrariamente, a eletricidade e água exibia o valor mais reduzido (1.8%).

Índice

1. Introdução | 11

2. Estrutura e dinâmica | 12

3. Análise económica e financeira | 15

3.1. Enquadramento | 15

3.2. Atividade e rendibilidade | 15

3.2.1. Volume de negócios | 15

3.2.2. Custos da atividade operacional | 17

3.2.3. *EBITDA* | 17

3.2.4. Rendibilidade | 18

3.3. Situação financeira | 19

3.3.1. Estrutura financeira | 19

3.3.2. Custos financeiros e solvabilidade | 20

Caixa 1 | Empréstimos bancários | 21

3.3.3. Financiamento por dívida comercial | 23

Caixa 2 | 100 maiores empresas | 24

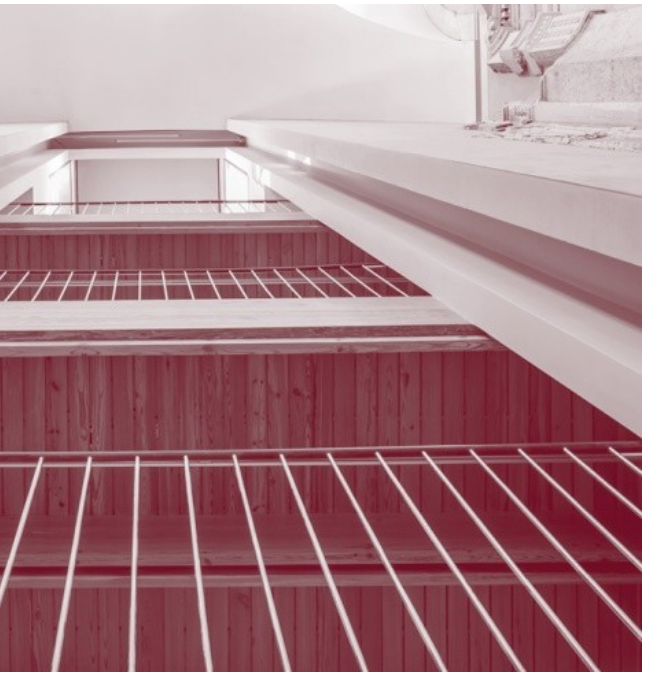
ANEXO | 29

Síntese metodológica | 31

Siglas e acrónimos | 32

Referências | 33

Estudos da Central de Balanços | 34



ANÁLISE SETORIAL DAS SOCIEDADES NÃO FINANCEIRAS EM PORTUGAL 2009-2014

1. Introdução
2. Estrutura e dinâmica
3. Análise económica e financeira

   Caixa 1 | Empréstimos bancários

   Caixa 2 | 100 maiores empresas

1. Introdução

O Estudo *Análise Setorial das Sociedades não Financeiras em Portugal 2009-2014* avalia a situação económica e financeira das sociedades não financeiras (SNF)[1] residentes em Portugal, tendo por base a informação compilada pela Central de Balanços do Banco de Portugal[2].

A presente publicação corresponde a uma atualização dos *Estudos da Central de Balanços* n.º 12 - *Estrutura e dinâmica das sociedades não financeiras em Portugal 2006-2012* e n.º 13 - *Análise setorial das sociedades não financeiras em Portugal 2012/2013*, ambos de novembro de 2013. A análise incide essencialmente sobre o período 2009-2013, com base na Informação Empresarial Simplificada (IES), sendo o primeiro semestre de 2014 analisado sempre que existe informação que permita providenciar detalhe adicional, nomeadamente no que diz respeito ao financiamento por empréstimos bancários.

Os resultados apresentados complementam os dados agregados sobre empresas[3] não financeiras, apurados igualmente a partir da Central de Balanços e divulgados no âmbito das publicações estatísticas do Banco de Portugal[4]. Com base na exploração dos dados microeconómicos procura-se disponibilizar, neste Estudo, informação adicional para o setor das SNF e para os setores de atividade económica e classes de dimensão de empresas que o compõem. Pretende-se, desta forma, complementar os resultados médios normalmente apurados para os agregados e identificar/explorar grupos heterogéneos de empresas, tendo em consideração características distintas.

O Estudo inicia-se com uma breve referência à estrutura e dinâmica do setor das SNF no período 2009-2013. De seguida, analisa-se a evolução recente da atividade e procura-se determinar em que medida esta se reflete nas rendibilidades obtidas. Para tal, decompõem-se os efeitos que influem sobre estas rendibilidades entre as componentes operacional e financeira da atividade das empresas, procurando também fornecer alguma informação sobre a respetiva capacidade de solvência.

A partir de informação complementar disponível noutras bases de dados do Departamento de Estatística do Banco de Portugal, apresentam-se detalhes sobre a dívida financeira das empresas em Portugal, nomeadamente no que respeita aos empréstimos do setor financeiro. Por fim, é dado destaque ao conjunto das 100 maiores empresas em Portugal.

Em Anexo, apresenta-se uma síntese metodológica com a definição dos principais conceitos utilizados ao longo do Estudo. No sítio do Banco de Portugal na *internet* encontram-se igualmente disponíveis, em ficheiro *Excel*, as séries estatísticas analisadas.

2. Estrutura e dinâmica

Em 2013, o setor institucional das SNF compreendia cerca de 380 mil empresas, das quais 89% eram **microempresas**. As **grandes empresas**, representativas de apenas 0.2% do total, foram responsáveis por 43% do volume de negócios do setor (Gráfico 1).

Por setores de atividade económica, os **outros serviços** (47%) e o **comércio** (27%) eram os setores mais relevantes em número de empresas. Em volume de negócios, destacavam-se o **comércio** (37%) e a **indústria** (26%) (Gráfico 2).

Face a 2009, é de salientar o aumento do peso das **microempresas** (+2 p.p.), em número de empresas, apesar do volume de negócios se ter concentrado nas **grandes empresas** (+4 p.p.). A estrutura setorial, em número de empresas, sofreu poucas alterações, no entanto, é notório um aumento da relevância da **indústria** (+4 p.p.) em detrimento da **construção** (-4 p.p.), ao nível do volume de negócios.

O cruzamento da dimensão com a atividade económica permite constatar que, em 2013, as **microempresas** dominam todos os setores de atividade económica, em número de empresas, com o seu peso a oscilar entre 71% na **eletricidade e água** e 93% nos **outros serviços** (Quadro 1).

Gráfico 1 • Estruturas | Por classes de dimensão das empresas (2009 e 2013)

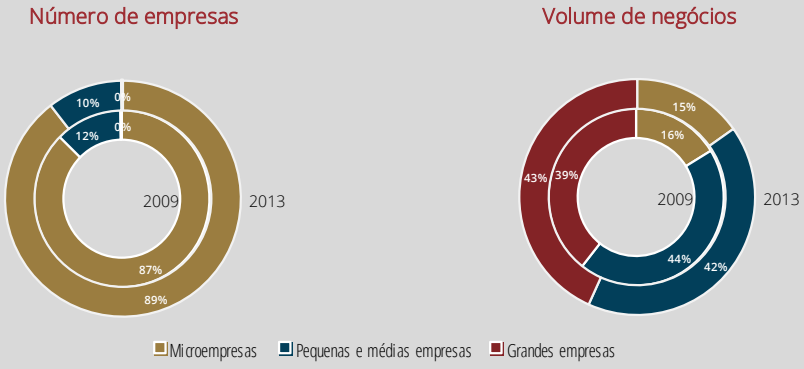
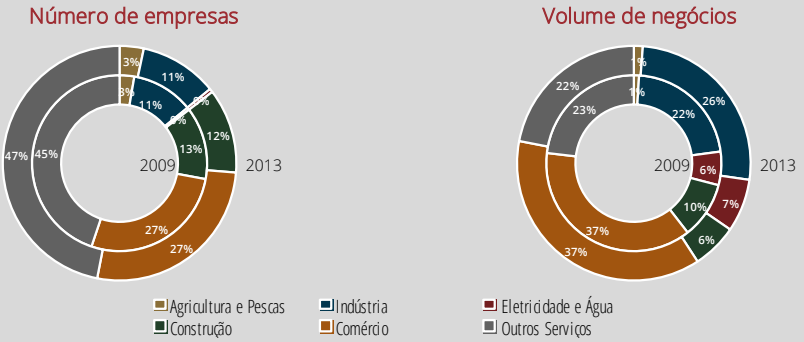


Gráfico 2 • Estruturas | Por setores de atividade económica (2009 e 2013)



Quadro 1 • Estruturas | Por setores de atividade económica e classes de dimensão das empresas (2013)

	Número de empresas			Volume de negócios		
	Microempresas	PME	Grandes empresas	Microempresas	PME	Grandes empresas
Total	**89.4%**	**10.3%**	**0.2%**	**15.3%**	**41.5%**	**43.2%**
Agricultura e Pescas	91.7%	8.2%	0.1%	40.0%	56.6%	3.5%
Indústria	71.5%	27.8%	0.7%	5.2%	42.7%	52.0%
Eletricidade e Água	71.3%	25.9%	2.8%	1.7%	17.3%	81.0%
Construção	89.0%	10.9%	0.1%	20.8%	45.6%	33.6%
Comércio	90.7%	9.1%	0.2%	20.0%	44.8%	35.2%
Outros Serviços	92.9%	6.9%	0.2%	20.7%	40.6%	38.7%

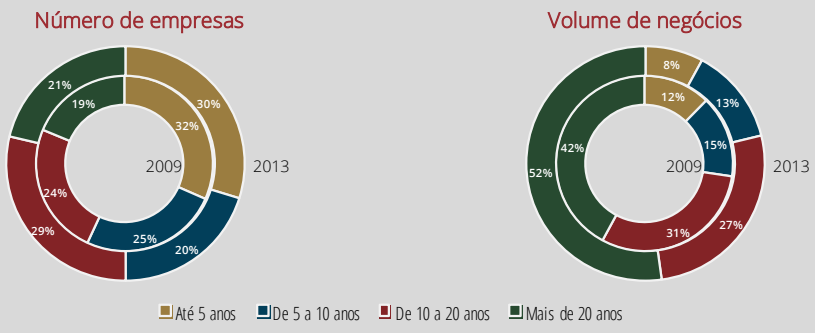
Nota: A sombreado encontra-se a classe de dimensão mais relevante por setor de atividade económica para cada um dos indicadores considerados.

No entanto, quando considerada a repartição do volume de negócios, apesar da maior relevância das **grandes empresas** no total das SNF (43%), as **PME** destacaram-se na **agricultura e pescas** (57%), na **construção** (46%), no **comércio** (45%) e nos **outros serviços** (41%). As **grandes empresas** agregavam a parcela mais significativa do volume de negócios na **eletricidade e água** (81%) e na **indústria** (52%).

Ao nível da maturidade das empresas[5], em 2013, existia uma repartição equitativa entre o número de empresas com menos e mais de dez anos. Esta estrutura revela uma maior maturidade do tecido empresarial português por comparação a 2009, ano em que as empresas mais novas representavam 57% do universo (Gráfico 3).

Efetuando a mesma análise com base no volume de negócios, observa-se um domínio claro das empresas com mais de 10 anos, sendo as mesmas responsáveis por 79% do volume de negócios total das SNF em 2013 (73% em 2009). Neste segmento, destacavam-se as empresas com mais de 20 anos, responsáveis por 52% do volume de negócios das SNF (42% em 2009).

Gráfico 3 • Estruturas | Por classes de maturidade das empresas (2009 e 2013)



No que respeita à dinâmica do setor, o número de empresas em atividade em Portugal aumentou perto de 2% em 2013, depois de ter recuado 1% em 2012 (Gráfico 4).

Por classes de dimensão, o aumento do número de empresas em atividade, em 2013, concentrou-se nas **microempresas**, sendo esta a única classe de dimensão a registar um rácio natalidade/mortalidade superior a 1 (indicando uma situação de criação líquida de empresas).

A nível setorial, o aumento foi transversal à generalidade dos setores de atividade económica, sendo a **construção** a única atividade a registar um rácio natalidade/mortalidade inferior a 1 (Gráfico 5). O maior crescimento verificou-se na **agricultura e pescas**, onde por cada empresa que cessou atividade foram criadas 3.3 novas empresas. Nota ainda para a **indústria** e para o **comércio**, que inverteram a tendência dos últimos anos, com um aumento em 2013 do número de empresas em atividade.

Gráfico 4 • Taxas de natalidade e mortalidade (2009 a 2013)

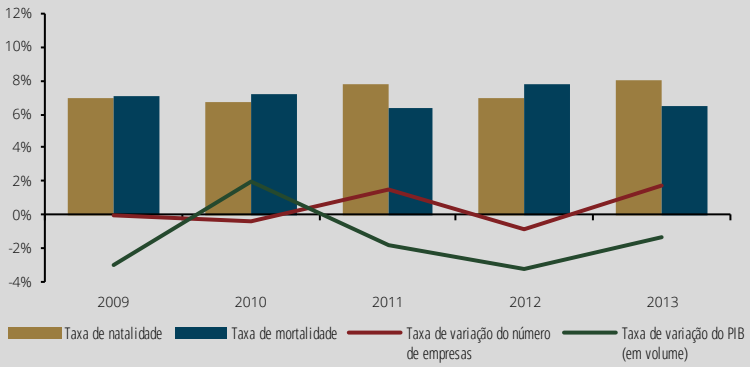
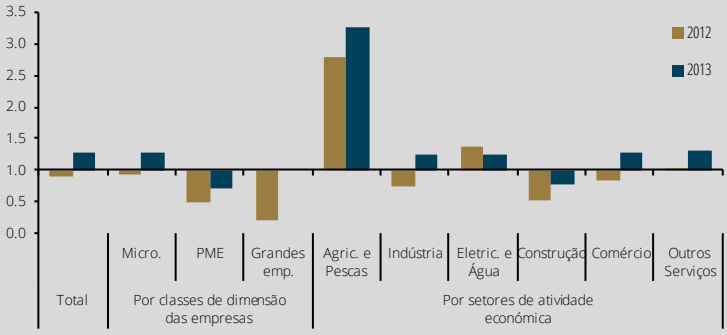


Gráfico 5 • Rácio de natalidade/mortalidade (2012 e 2013)



3. Análise económica e financeira

3.1. Enquadramento

Em 2013, o PIB português registou uma redução de 1.4% em termos reais, depois de uma queda de 3.3% em 2012. Com exceção das exportações (crescimento de 6.4%), todas as restantes componentes tiveram uma evolução negativa (Quadro 2).

O consumo privado registou uma contração de 1.4% (depois de uma queda de 5.2% em 2012), num contexto de ajustamento adicional dos níveis de despesa e endividamento das famílias. O consumo público diminuiu 1.9% (queda de 4.3% em 2012), refletindo essencialmente a redução das despesas com pessoal. A formação bruta de capital fixo recuou 6.3% (queda de 15% em 2012), tendo sido generalizada a todos os setores institucionais.

As importações inverteram a tendência dos dois anos anteriores (-5.8% em 2011 e -6.6% em 2012), tendo crescido 3.6% em 2013.

Apesar da queda anual, a atividade económica registou uma recuperação a partir do segundo trimestre de 2013. Para esta evolução, contribuiu a recuperação da procura interna, em linha com a melhoria da confiança dos consumidores e das empresas e a manutenção de um contributo significativo das exportações.

Em relação ao primeiro semestre de 2014, os dados publicados pelo INE apontam para um ligeiro crescimento do PIB (0.9%). É de destacar que, com exceção das exportações, as principais componentes do PIB cresceram acima do verificado no período homólogo[6].

Quadro 2 • PIB e principais componentes da despesa | Taxa de variação homóloga real

	2009	2010	2011	2012	2013	2014 (1º. Sem.)
PIB	-3.0%	1.9%	-1.8%	-3.3%	-1.4%	0.9%
Consumo privado	-2.3%	2.4%	-3.6%	-5.2%	-1.4%	1.9%
Consumo público	2.6%	-1.3%	-3.8%	-4.3%	-1.9%	0.1%
Formação bruta de capital fixo	-7.6%	-0.9%	-12.5%	-15.0%	-6.3%	1.6%
Exportações	-10.2%	9.5%	7.0%	3.1%	6.4%	2.7%
Importações	-9.9%	7.8%	-5.8%	-6.6%	3.6%	7.0%

Fonte: INE e Banco de Portugal.

3.2. Atividade e rendibilidade

3.2.1. Volume de negócios

O volume de negócios das SNF cresceu 0.2% em 2013, depois de ter recuado mais de 6% em 2012. De acordo com informação preliminar da Central de Balanços, este indicador manteve-se relativamente constante no primeiro semestre de 2014.

A evolução positiva do volume de negócios, em 2013, foi sentida nas **PME** (1%) e nas **grandes empresas** (0.1%). Já nas **microempresas** registou-se um decréscimo de 2%, ainda assim inferior ao observado em 2012 (-7%) (Gráfico 6).

A generalidade dos setores de atividade económica aumentou o seu volume de negócios em 2013, tendo sido a **construção** a única exceção, com uma variação negativa de 10%,

embora longe da quebra de 24% observada em 2012. Referência ainda para o facto da **agricultura e pescas** ter sido o único setor a apresentar em 2013 uma taxa de crescimento do volume de negócios (2%) inferior à de 2012 (10%).

A evolução marginal do volume de negócios das SNF decorreu da compensação verificada entre os contributos dos mercados interno e externo (-0.9 p.p. e +1.1 p.p., respetivamente).

A parcela do volume de negócios (vendas e prestação de serviços) proveniente das exportações aumentou 1 p.p. face a 2012 (para 22%), variação similar à registada pela parcela relativa às importações no total da aquisição de bens e serviços (para 27%).

Em 2013, o saldo das transações de bens e serviços com o exterior das SNF passou a ser positivo em 0.3% do volume de negócios, 1 p.p. acima do valor de 2012 (Gráfico 7).

Este indicador evoluiu de forma positiva na generalidade dos setores de atividade económica. O **comércio** constituiu a única exceção, com uma redução marginal de 0.1 p.p. face a 2012. Já por classes de dimensão, o maior contributo para a inversão do sinal deste indicador proveio das **grandes empresas** (recuperação de 2 p.p.), dado que a evolução do saldo externo nas restantes classes não foi expressiva. Ainda assim, tanto as **grandes empresas**, como os setores do **comércio** e da **eletricidade e água** mantiveram saldos negativos nas operações com o exterior.

Gráfico 6 • Volume de negócios | Taxa de crescimento anual (2009 a 2013)

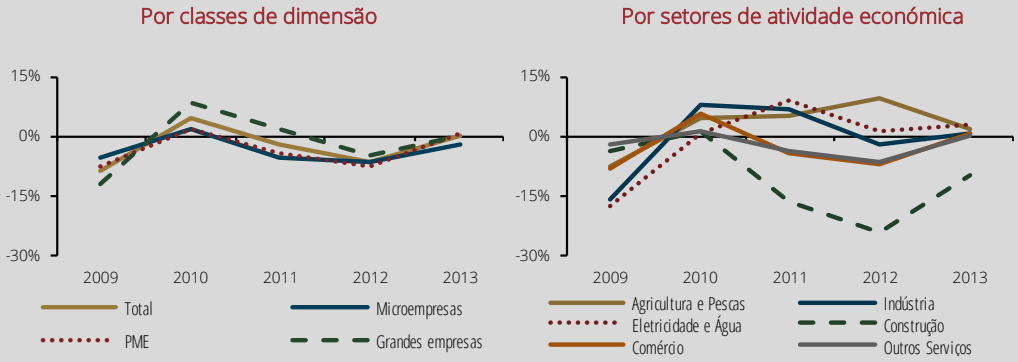
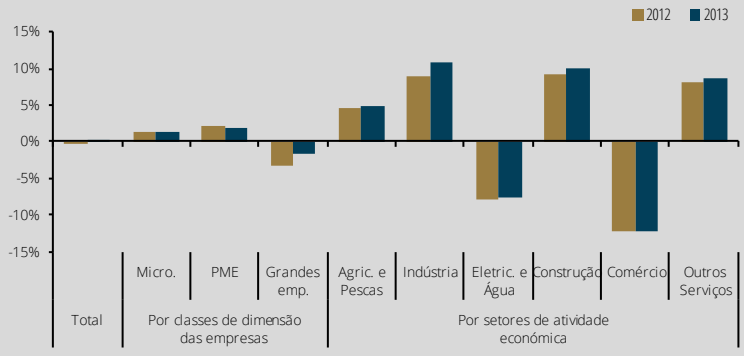


Gráfico 7 • Saldo das transações de bens e serviços com o exterior | Em percentagem do volume de negócios (2012 e 2013)



3.2.2. Custos da atividade operacional[7]

Os custos associados à atividade operacional das SNF diminuíram menos de 1% em 2013, face a 2012. No entanto, por componentes dos custos da atividade operacional observaram-se comportamentos distintos.

Assim, o Custo das Mercadorias Vendidas e das Matérias Consumidas (CMVMC) aumentou 1% em 2013, enquanto os Fornecimentos e Serviços Externos (FSE) e os custos com o pessoal decresceram 3% e 2%, respetivamente (Quadro 3).

A análise por classes de dimensão revela que a taxa de crescimento dos custos da atividade operacional aumentou com a dimensão das empresas, tendo variado entre -3% nas **microempresas** e 0.2% nas **grandes empresas**. Na distribuição por setores de atividade económica, a **construção** (-12%) e os **outros serviços** (-1%) foram os únicos setores a registar redução dos custos da atividade operacional em 2013.

As maiores reduções de cada uma das componentes dos custos operacionais foram observadas nas **microempresas** e na **construção**.

Em 2013, os custos com o pessoal continuaram a cair, sendo a única exceção notória o setor da **agricultura e pescas**, com um crescimento de 2% (os **outros serviços** e a classe de dimensão das **grandes empresas** registaram acréscimos residuais nesta rubrica).

3.2.3. *EBITDA*[8]

A evolução conjugada dos rendimentos e gastos operacionais determinou um crescimento de 12% no *EBITDA* em 2013. Face a 2012, apenas as **grandes empresas** (-2%) e a **eletricidade e água** (-3%) registaram evoluções negativas neste indicador.

A melhoria do indicador é corroborada pela percentagem de empresas com crescimento do *EBITDA*, que passou de 45% em 2012 para 53% em 2013 (Quadro 4). Da mesma forma, a parcela de empresas com *EBITDA* negativo diminuiu 3 p.p. (36% em 2013). A evolução positiva foi transversal à generalidade dos agregados considerados.

Quadro 3 • Custos da atividade operacional | Taxa de crescimento anual (2013)

		CMVMC	FSE	Custos com o pessoal	Custos da ativ. operacional
Total		**0.7%**	**-2.7%**	**-1.5%**	**-0.5%**
Por classes de dimensão	Microempresas	-2.1%	-4.8%	-4.9%	-3.4%
	PME	0.1%	-0.1%	-1.2%	-0.2%
	Grandes empresas	2.0%	-4.5%	0.1%	0.2%
Por setores de atividade económica	Agricultura e Pescas	0.2%	6.3%	2.0%	2.3%
	Indústria	0.3%	1.4%	-0.4%	0.4%
	Eletricidade e Água	2.9%	5.4%	-0.1%	3.1%
	Construção	-7.3%	-16.5%	-6.8%	-12.0%
	Comércio	1.1%	-1.6%	-3.5%	0.4%
	Outros Serviços	-0.6%	-1.5%	0.2%	-0.9%

Nota: O sombreado escuro destaca as variações mais significativas, por classe de dimensão e por setor de atividade económica. O sombreado claro identifica todas as variações positivas.

Quadro 4 • Empresas com crescimento anual do *EBITDA* e empresas com *EBITDA* negativo (2012 e 2013)

		Peso das empresas com crescimento anual do *EBITDA*		Peso das empresas com *EBITDA* negativo	
		2012	2013	2012	2013
Total		**44.5%**	**53.3%**	**39.0%**	**36.3%**
Por classes de dimensão	Microempresas	45.0%	53.3%	41.0%	38.4%
	PME	41.3%	52.9%	22.8%	19.3%
	Grandes empresas	43.8%	57.0%	15.1%	11.7%
Por setores de atividade económica	Agricultura e Pescas	52.3%	54.8%	31.0%	29.2%
	Indústria	46.0%	55.1%	32.5%	29.2%
	Eletricidade e Água	53.5%	53.5%	32.9%	31.3%
	Construção	43.6%	52.0%	40.2%	36.6%
	Comércio	44.6%	53.8%	39.9%	37.5%
	Outros Serviços	43.8%	52.8%	40.2%	37.8%

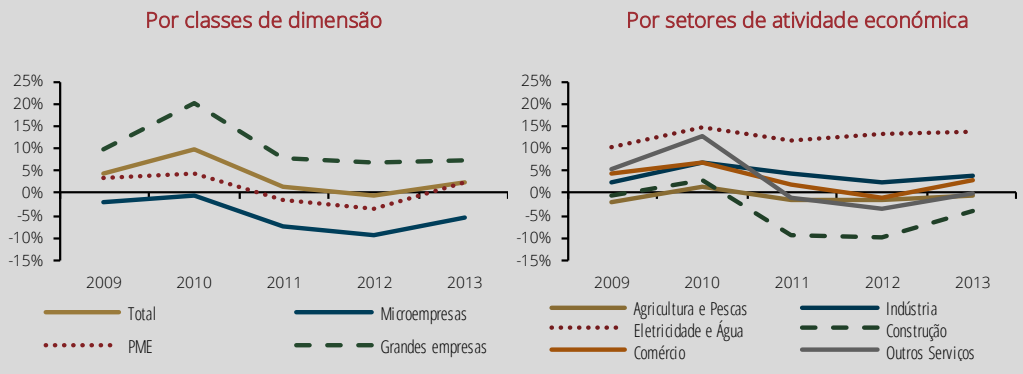
3.2.4. Rendibilidade

A melhoria nos resultados operacionais das SNF refletiu-se na rendibilidade dos capitais próprios[9], que aumentou 3 p.p. face a 2012, retornando a valores positivos (3%) em 2013 (Gráfico 8).

De acordo com os dados preliminares disponíveis, esta rendibilidade terá diminuído no primeiro semestre de 2014, mantendo-se, ainda assim, positiva.

Por classes de dimensão, as **grandes empresas** continuaram a registar a rendibilidade mais elevada (7%), embora os maiores crescimentos tenham ocorrido nas **PME** e nas **microempresas**. Em termos setoriais, a **eletricidade e água** continuou a ser o setor com maior rendibilidade dos capitais próprios (14%), encontrando-se a **agricultura e pescas** (-1%) e a **construção** (-4%) na posição oposta, com rendibilidades negativas. Não obstante, em ambos os setores houve uma evolução positiva neste indicador face a 2012.

Gráfico 8 • Rendibilidade dos capitais próprios (2009 a 2013)



3.3. Situação financeira

3.3.1. Estrutura financeira

Em 2013, a autonomia financeira das SNF foi de 30%, revelando que 70% do ativo das empresas foi financiado por capitais alheios. O recurso a este tipo de financiamento foi particularmente relevante nas **microempresas** (autonomia financeira de 25%) e nas empresas da **construção** (21%) e da **eletricidade e água** (24%).

Face a 2009, a autonomia financeira das SNF apresentou uma melhoria de 2 p.p. (Gráfico 9). Neste horizonte temporal, as **microempresas** foram a única classe de dimensão em que este indicador se deteriorou (-1 p.p.). Em termos setoriais, a melhoria também foi generalizada, tendo a **eletricidade e água** sido a única exceção (-4 p.p.).

A elevada dependência de capital alheio era particularmente crítica para 29% das SNF em Portugal, as quais apresentavam capitais próprios negativos em 2013. Esta situação foi registada por 31% das **microempresas**, mas apenas por 6% das **grandes empresas**. A nível setorial, os valores mais elevados verificaram-se no **comércio** (31%) e nos **outros serviços** (31%), enquanto o valor mais reduzido foi observado na **eletricidade e água** (21%).

As principais fontes de financiamento alheio foram a dívida financeira[10] e os créditos comerciais, que representaram, conjuntamente, 75% do passivo das SNF (-1 p.p. face a 2012) (Gráfico 10).

Ao nível da dívida financeira, os empréstimos bancários[11] assumiram particular relevância, ao representarem 28% do passivo das SNF (29% em 2012). Os financiamentos obtidos junto de empresas do grupo foram a segunda componente mais relevante da dívida financeira (20% do passivo).

Gráfico 9 • Autonomia financeira (2009 e 2013)

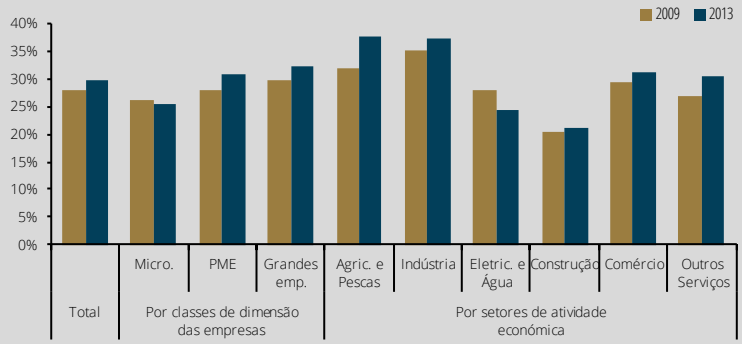
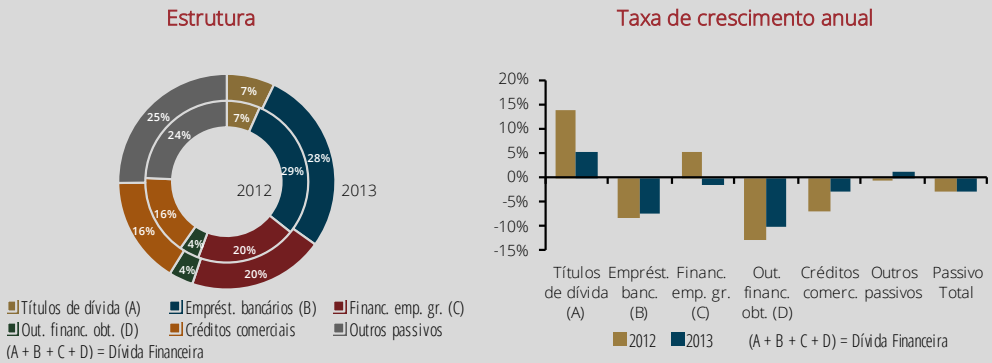


Gráfico 10 • Passivo | Estrutura e taxa de crescimento anual (2012 e 2013)



Os títulos de dívida e os outros financiamentos tinham menor relevância (7% e 4%, respetivamente).

Face a 2012, apenas os títulos de dívida registaram uma evolução crescente (5%) em 2013, tendo as demais componentes da dívida financeira registado quedas: -10% nos outros financiamentos obtidos; -7% nos empréstimos bancários; e -1% nos financiamentos obtidos junto de empresas do grupo.

3.3.2. Custos financeiros e solvabilidade

Dado que, em 2013, 59% do passivo das SNF estava associado a dívida remunerada sob a forma de juros, importa avaliar a sua evolução.

No total das SNF, os juros suportados diminuíram 6% em 2013, face a 2012 (Quadro 5). Os dados preliminares da Central de Balanços apontam para que a tendência de diminuição dos juros suportados pelas SNF se tenha prolongado pelo primeiro semestre de 2014, ainda que em menor escala.

Por classes de dimensão, em 2013, as **microempresas** e as **PME** registaram reduções de 16% e 11%, respetivamente. Já nas **grandes empresas**, os juros suportados aumentaram 5%.

Por setores de atividade económica, a **eletricidade e água** foi a única atividade a registar um aumento dos juros suportados (4%), ainda assim a um ritmo substancialmente inferior ao registado em 2012 (16%).

A conjugação destas evoluções com a do *EBITDA* determinou uma diminuição generalizada da pressão financeira (medida pelo peso dos juros no *EBITDA*) sobre as SNF, passando de 36% em 2012, para 30% em 2013.

Como reflexo do aumento dos juros suportados e da redução do *EBITDA*, as **grandes empresas** e a **eletricidade e água** foram os únicos agregados onde a pressão financeira aumentou no último ano.

A diminuição da pressão financeira sobre as SNF refletiu-se também na diminuição da parcela de empresas com *EBITDA* inferior aos juros (38% em 2013, que compara com 41% em 2012). Esta diminuição verificou-se em todas as classes de dimensão e setores de atividade económica, com as maiores quebras a ocorrerem nas **grandes empresas** (-5 p.p.), na **construção** e na **indústria** (-4 p.p., em ambos os casos).

Quadro 5 • Taxa de crescimento anual dos juros suportados, pressão financeira e empresas com *EBITDA* inferior aos juros (2012 e 2013)

		Taxa de crescimento anual dos juros suportados		Pressão financeira (Juros suportados/*EBITDA*)		Peso das empresas com *EBITDA* inferior aos juros suportados	
		2012	2013	2012	2013	2012	2013
Total		**4.4%**	**-6.0%**	**36.1%**	**30.2%**	**40.8%**	**37.8%**
Por classes de dimensão	Microempresas	6.3%	-15.9%	154.8%	74.6%	42.6%	39.7%
	PME	0.8%	-11.0%	44.6%	30.5%	26.0%	22.0%
	Grandes empresas	7.3%	4.8%	22.0%	23.6%	20.4%	15.6%
Por setores de atividade económica	Agricultura e Pescas	9.5%	-5.0%	28.7%	25.6%	32.8%	30.7%
	Indústria	3.8%	-3.7%	22.0%	19.9%	34.5%	30.7%
	Eletricidade e Água	16.2%	4.3%	26.3%	28.4%	34.9%	33.3%
	Construção	0.3%	-13.5%	159.9%	104.4%	43.2%	38.9%
	Comércio	0.0%	-15.1%	33.7%	22.6%	41.7%	38.9%
	Outros Serviços	2.6%	-6.0%	41.4%	32.4%	41.8%	39.1%

Nota: O sombreado identifica os valores mais significativos, por classe de dimensão e por setor de atividade económica.

Caixa 1 | Empréstimos bancários[12]

De acordo com a informação compilada pela Central de Responsabilidades de Crédito do Banco de Portugal, os empréstimos concedidos pelas instituições de crédito residentes (IC)[13] às SNF têm vindo a diminuir nos últimos anos, tendo representado no final de junho de 2014, apenas 78% do valor observado no final de 2009 (Gráfico 11).

A tendência de diminuição do crédito concedido às empresas foi acompanhada por uma degradação da sua qualidade. No final de junho de 2014, o rácio de crédito vencido ascendeu a 14.7%, que compara com 4.4% no final de 2009.

No final do primeiro semestre de 2014, metade do crédito encontrava-se associado a **PME** (50%), enquanto as **microempresas** detinham 35% e as **grandes empresas** 15% (Gráfico 12). Esta repartição é semelhante à observada em 2009.

A nível setorial, os **outros serviços** detinham a maior parcela do crédito bancário no final do primeiro semestre de 2014 (41%), seguidos da **construção** (19%) e da **indústria** (17%). Comparando com o final de 2009, o peso da **construção** caiu 5 p.p., tendo como contrapartida o aumento das parcelas do crédito alocado aos restantes setores, com destaque para os **outros serviços** (+3 p.p.).

Centrando a análise no período mais recente, observa-se que os empréstimos concedidos às sociedades não financeiras pelo setor financeiro residente diminuíram 2% no primeiro semestre de 2014.

O rácio de crédito vencido[14] das SNF continuou a sua tendência de crescimento no primeiro semestre de 2014 (+0.9 p.p. face ao final de 2013), tendo evoluído negativamente em todas as classes de dimensão e setores de atividade económica (Gráfico 13).

Face ao final de 2013, por classes de dimensão, o maior aumento foi verificado nas **microempresas** (+1.2 p.p.), as quais registaram um rácio de crédito vencido de 22.9% no final do primeiro semestre de 2014. Nas **PME**, o crescimento foi de 1.0 p.p. (para 12.3%), enquanto as **grandes empresas** apresentaram um acréscimo de 0.2 p.p. (para 3.9%).

Em termos setoriais, a **construção** continuou a ser o setor com o rácio de crédito vencido mais elevado (25.9%), seguido do **comércio** (16.2%) e dos **outros serviços** (12.2%). O rácio de crédito vencido da **eletricidade e água**, apesar de continuar a ser o mais reduzido, agravou-se em 0.5 p.p., tendo ascendido a 1.8%, no final do primeiro semestre de 2014.

Gráfico 11 • Evolução do financiamento obtido junto de IC residentes (2009=100) e peso do crédito vencido (2009 a 2014 – final do primeiro semestre)

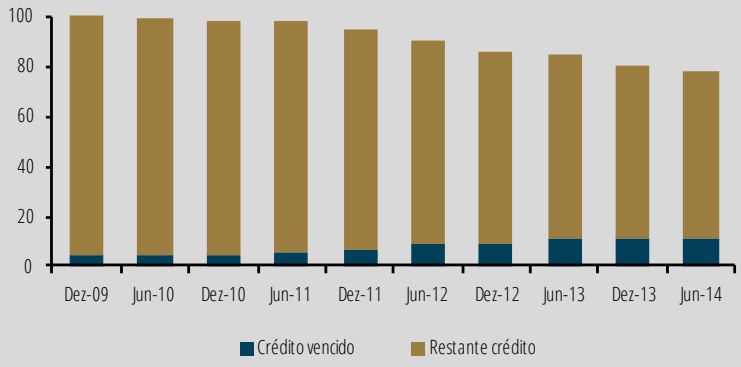


Gráfico 12 • Estrutura do financiamento obtido junto de IC residentes (2009 e final do primeiro semestre de 2014)

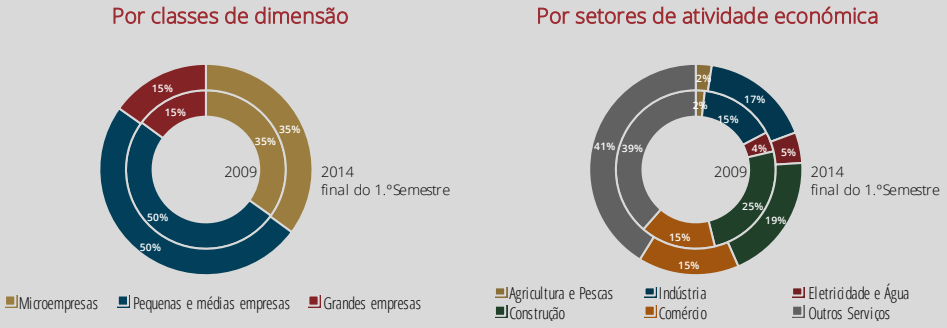
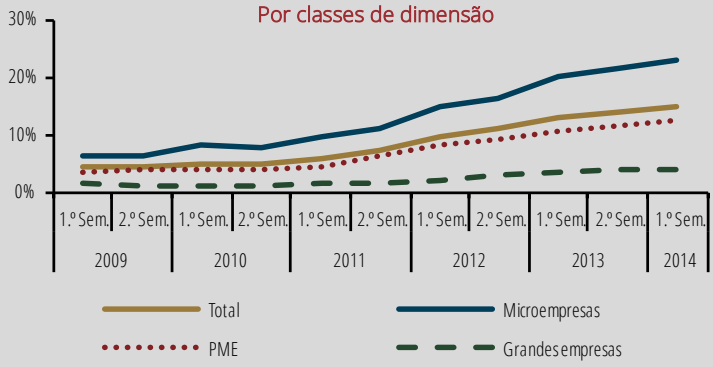
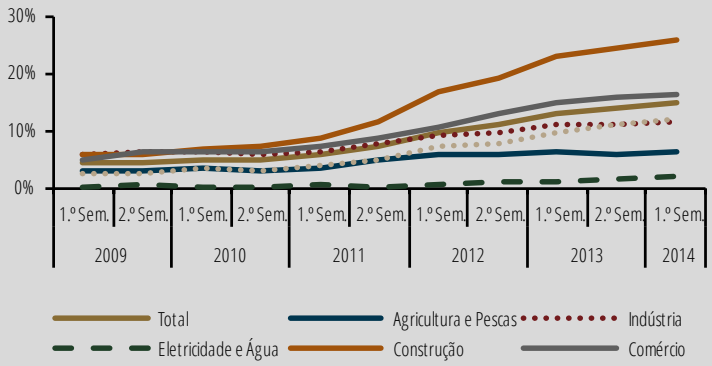


Gráfico 13 • Rácios de crédito vencido (valores em fim de período)





3.3.3. Financiamento por dívida comercial

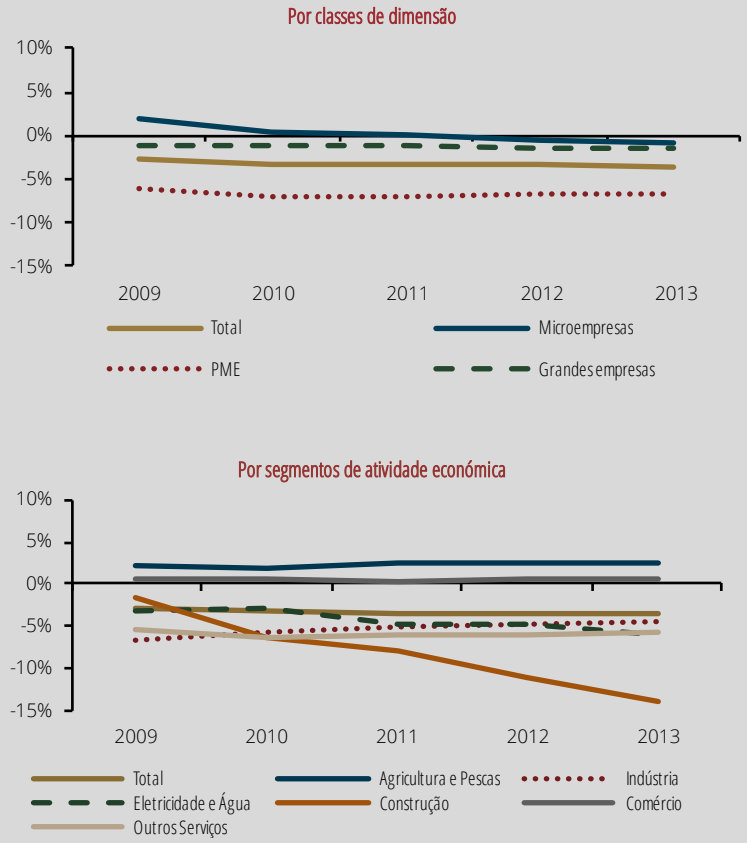
O financiamento por dívida comercial representava 16% do passivo das SNF em 2013 (parcela equivalente à registada em 2012).

Avaliando esta fonte de financiamento em termos líquidos, constata-se que as SNF não têm obtido financiamento por esta via. Com efeito, o saldo das rubricas de fornecedores e de clientes, ponderado pelo volume de negócios, continuou negativo em 2013 (-4%), indicando uma situação em que as empresas financiavam os seus clientes num valor superior ao que obtinham junto dos seus fornecedores.

Este saldo foi negativo para todas as classes de dimensão, com destaque para as **PME** (-7%). As **grandes empresas** e as **microempresas** registaram financiamentos líquidos por dívida comercial negativos numa proporção equivalente a 1% dos respetivos volumes de negócios (Gráfico 14).

Atendendo aos setores de atividade económica, apenas a **agricultura e pescas** (2%) e o **comércio** (1%) obtiveram financiamento, em termos líquidos, por dívida comercial. Nos restantes setores, o crédito obtido junto de fornecedores foi inferior ao crédito concedido a clientes, com destaque para a **construção** (-14%), onde este indicador tem vindo a apresentar uma acentuada tendência de agravamento.

Gráfico 14 • Financiamento líquido por dívida comercial | Em percentagem do volume de negócios (2009 a 2013)



Nota: O financiamento líquido por dívida comercial foi calculado pela diferença entre o saldo de fornecedores (líquido de adiantamentos) e o saldo de clientes (líquido de adiantamentos e ajustamentos).

Caixa 2 | 100 maiores empresas

No período 2009-2013, 68 empresas fizeram parte do TOP 100 em todos os anos, pertencendo 43% destas empresas ao **comércio** e 28% à **indústria**. Das restantes 32 empresas que constavam do TOP 100 em 2009, mas que não fizeram parte dessa lista em todo o período, a maioria pertencia ao TOP 200 em 2013, mantendo, desta forma, uma posição relativa favorável.

Em 2013, as 100 maiores empresas em Portugal (TOP 100) foram responsáveis por 27% do volume de negócios e por 7% do número de pessoas ao serviço do total das SNF. Face a 2009, a relevância destas empresas aumentou 4 p.p. ao nível do volume de negócios, tendo mantido sensivelmente o mesmo peso em termos de emprego (Quadro 6).

A evolução do volume de negócios neste grupo de empresas contrasta com o verificado nas restantes SNF. Com efeito, entre 2009 e 2013, as 100 maiores empresas em Portugal registaram um crescimento médio anual de 3.2% do volume de negócios, que compara com uma contração de 2.2% nas restantes SNF.

No último ano, as empresas do TOP 100 geraram, em média, cinco vezes mais volume de negócios por empregado do que as restantes SNF. Em 2009, o diferencial era de quatro vezes.

No que respeita à estrutura setorial do TOP 100, os setores de atividade económica mais representados foram, em 2013, o **comércio**, com 37% das maiores empresas em Portugal e a **indústria**, com 35%. Os **outros serviços** representavam 13%. Comparativamente com a estrutura das restantes SNF, estes valores evidenciam um maior peso dos dois primeiros setores no TOP 100 (+10 p.p. no **comércio** e +24 p.p. na **indústria**) e uma menor percentagem de empresas dos **outros serviços** (-34 p.p.) (Gráfico 15).

Face a 2009, observa-se um aumento do peso da **indústria** (+11 p.p.) no TOP 100, em detrimento dos restantes setores, em especial do **comércio** (-6 p.p.). Nota, ainda, para o facto da **agricultura e pescas** não estar representada no TOP 100, em todo o período considerado.

A mesma análise, tendo por base o volume de negócios, revela, igualmente, a maior concentração do TOP 100 no **comércio** e na **indústria**, responsáveis por, respetivamente, 36% e 30% do volume de negócios do agregado em 2013. A **eletricidade e água** era o terceiro setor mais relevante (18%). As principais diferenças relativamente à estrutura das restantes SNF são registadas neste último setor e nos **outros serviços**. Com efeito, o peso da **eletricidade e água** no TOP 100 era, em 2013, superior, em 15 p.p., ao verificado nas restantes SNF. Por sua vez, os **outros serviços** pesavam menos 12 p.p. (13% no TOP 100, que compara com mais de 25% nas restantes SNF).

Quadro 6 • Peso do TOP 100 empresas no total das SNF

	Número de empresas	Volume de negócios	Número de pessoas ao serviço
2009	0.03%	22.6%	6.7%
2013	0.03%	26.6%	6.9%

Entre 2009 e 2013, o peso da **indústria**, em termos de volume de negócios, registou um aumento de 9 p.p., enquanto o **comércio** reduziu o seu peso em 1 p.p..

Em 2013, o TOP 100 era dominado por empresas com mais de 20 anos de atividade, tanto em número (59%), como em volume de negócios (65%). A parcela de empresas com menos de 10 anos ficava-se pelos 15% (Gráfico 16), justificando 13% do volume de negócios do TOP 100.

Gráfico 15 • Diferença de estruturas entre o TOP 100 e as restantes SNF (2013, em p.p.)

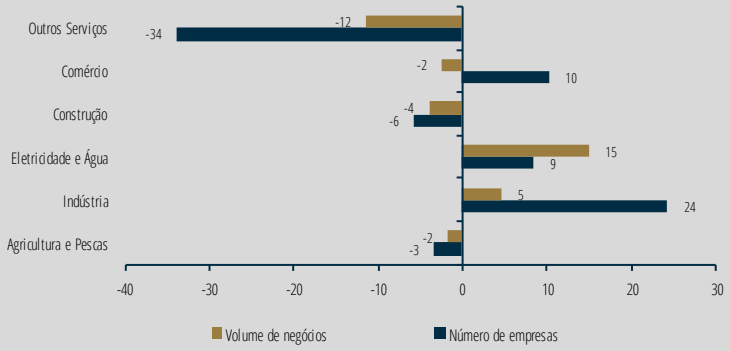
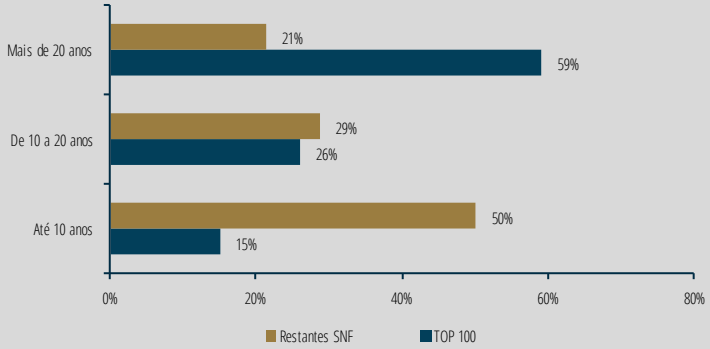


Gráfico 16 • Estruturas | Por classes de maturidade das empresas (número de empresas, 2013)



Notas

1. O setor das SNF constitui um dos setores institucionais da economia. A setorização institucional dos agentes económicos é efetuada de acordo com o Sistema Europeu de Contas Nacionais e Regionais de 2010 (SEC 2010), aprovado pelo Parlamento Europeu e pelo Conselho através do Regulamento n.º 549/2013, de 21 de maio. O SEC 2010 constitui o referencial harmonizado sobre a metodologia de compilação e prazo de disponibilização das contas nacionais dos países da União Europeia, incluindo estatísticas sob a responsabilidade do Banco de Portugal. A série em estudo (2009-2014) tem subjacente a delimitação do universo SEC 2010. Tendo por base o normativo das contas nacionais, os Empresários em Nome Individual (ENI) estão incluídos no setor institucional dos Particulares. Desta forma, todos os dados apresentados neste Estudo para o setor das SNF excluem os ENI (representativos de cerca de dois terços do número de empresas em Portugal, mas de apenas 5% do respetivo volume de negócios).

2. A Central de Balanços do Banco de Portugal é uma base de dados com informação económica e financeira sobre as SNF em Portugal. A informação baseia-se nos dados contabilísticos anuais comunicados no âmbito da Informação Empresarial Simplificada (IES) e nos dados contabilísticos trimestrais reportados pelas empresas através do Inquérito Trimestral às Empresas Não Financeiras (ITENF). Os dados anuais cobrem a quase totalidade das SNF e os dados trimestrais cobrem cerca de quatro mil empresas, representativas de 50% do volume de negócios do setor. Para mais detalhe relativamente à atividade da Central de Balanços, podem ser consultados os *Suplementos ao Boletim Estatístico* 1/2008 – *Reporte simplificado: incorporação da Informação Empresarial Simplificada nas Estatísticas das Empresas não Financeiras da Central de Balanços* e 2/2013 – *Estatísticas das Empresas não Financeiras da Central de Balanços – Notas metodológicas*.

3. Por uma questão de simplificação utilizam-se neste Estudo as expressões "empresa" e "sociedade" de forma indiferenciada, sendo que ambas se referem às SNF definidas na Nota 1.

4. As estatísticas da Central de Balanços são publicadas no *Boletim Estatístico* do Banco de Portugal (Capítulos A e G) e nos *Quadros do Setor*, ambos disponíveis no sítio do Banco de Portugal na *internet* e no BP*stat* | Estatísticas *Online*.

5. A maturidade das empresas corresponde à idade das empresas na data de referência da análise. Consideram-se quatro classes de maturidade: até 5 anos, de 5 a 10 anos (exclusive); de 10 a 20 anos (exclusive); e mais de 20 anos.

6. Para mais informações acerca da evolução da atividade económica em Portugal, pode ser consultado o *Relatório do Conselho de Administração - A Economia Portuguesa*, bem como o *Boletim Económico*, divulgado trimestralmente. Ambas as publicações encontram-se disponíveis em www.bportugal.pt.

7. O agregado "custos da atividade operacional", calculado a partir da soma dos Custos das Mercadorias Vendidas e Matérias Consumidas (CMVMC) com os Fornecimentos e Serviços Externos (FSE) e os Custos com o Pessoal, corresponde, grosso modo, ao conceito de "custos operacionais" do Plano Oficial de Contabilidade (POC, normativo contabilístico de base às contas das empresas até 2009).

8. *EBITDA* (Earnings Before Interest, Taxes, Depreciation and Amortization) é o resultado antes de juros, impostos, depreciações e amortizações.

9. Calculada através do rácio entre o resultado líquido do período (RLP) e os capitais próprios, esta rendibilidade mede o retorno obtido pelo capital investido pelos acionistas/sócios.

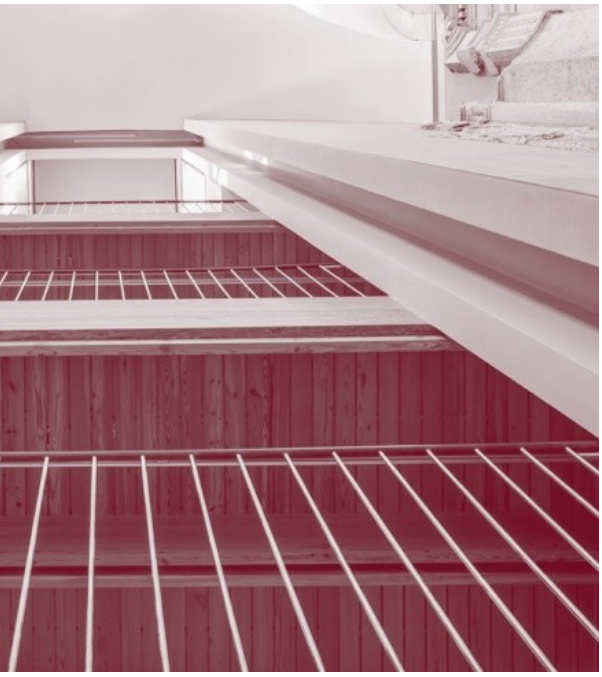
10. A dívida financeira corresponde ao conjunto de financiamentos remunerados obtidos pela empresa, designadamente, através da emissão de títulos de dívida, empréstimos junto de instituições de crédito e sociedades financeiras e empréstimos junto de empresas do grupo.

11. A *Caixa 1* | *Empréstimos bancários* disponibiliza informação complementar sobre esta fonte de financiamento.

12. A Central de Responsabilidades de Crédito é uma base de dados gerida pelo Banco de Portugal com informação prestada pelas entidades participantes (instituições residentes) sobre os créditos concedidos. Para mais informação, pode ser consultado o Caderno n.º 5 do Banco de Portugal, *Central de Responsabilidades de Crédito*.

13. Incluem, nomeadamente, bancos, caixas económicas e caixas de crédito agrícola mútuo (genericamente designados por "bancos" neste Estudo), bem como instituições financeiras de crédito, sociedades de *factoring*, sociedades financeiras para aquisições a crédito e sociedades de locação financeira. De notar que, em 2013, mais de 95% do crédito concedido por instituições de crédito residentes a SNF teve origem em bancos.

14. O rácio de crédito vencido é calculado como a proporção de crédito vencido no total do crédito concedido. O crédito considera-se vencido, no que respeita ao capital, decorridos no máximo 30 dias após o seu vencimento sem que se tenha verificado a respetiva regularização e, relativamente aos juros e outras despesas, a partir da data em que o seu pagamento deveria ter sido efetuado.



ANEXO

Síntese metodológica

Síntese metodológica

Autonomia financeira: Rácio entre os capitais próprios e o ativo total.

Dimensão da empresa: As empresas foram agrupadas em três classes: micro, pequenas e médias, e grandes empresas. Para esta classificação foram utilizados os critérios da Recomendação da Comissão Europeia, de 6 de maio de 2003, relativa à definição de micro, pequenas e médias empresas. Segundo esta Recomendação, são classificadas como microempresas as entidades com um número de pessoas ao serviço inferior a 10 e cujo volume de negócios anual ou balanço total anual não excede 2 milhões de euros. Para efeitos deste Estudo, as pequenas e médias empresas (PME) não incluem as microempresas e caraterizam-se por apresentarem um número de pessoas ao serviço menor que 250 e maior que 10 e um volume de negócios anual entre 2 e 50 milhões de euros ou um balanço total anual entre 2 e 43 milhões de euros. São classificadas como grandes empresas as que não se enquadram nas condições anteriores.

***EBITDA* (*Earnings Before Interest, Taxes, Depreciation and Amortization*):** Resultados antes de juros, impostos, depreciações e amortizações. O novo normativo contabilístico (SNC) eliminou o conceito de custos e proveitos extraordinários, assim como deixou de permitir a identificação inequívoca das componentes financeiras. Como tal, optou-se por adotar o conceito de *EBITDA* definido pelo SNC, ajustando, tanto quanto possível, os dados reportados para 2009 de acordo com o anterior normativo contabilístico (POC).

Rendibilidade dos capitais próprios: Rácio entre o resultado líquido do período e os capitais próprios. Visto que ambas as rubricas (numerador e denominador) podem assumir valores positivos ou negativos, o indicador apenas é calculado, ao nível individual, nas situações em que os capitais próprios são positivos.

Setor de atividade económica: Foram excluídas da presente análise, no que ao conjunto das SNF diz respeito, as empresas classificadas nas Secções K – *Atividades Financeiras e de Seguros*, O – *Administração Pública e Defesa; Segurança Social Obrigatória*, T – *Atividades das famílias empregadoras de pessoal doméstico e atividades de produção das famílias para uso próprio* e U – *Atividades dos organismos internacionais e outras instituições extra-territoriais* da CAE-Rev.3, por não se incluírem no setor institucional das SNF.

Siglas e acrónimos

CAE	Classificação Portuguesa das Atividades Económicas
CMVMC	Custo das Mercadorias Vendidas e das Matérias Consumidas
CRC	Central de Responsabilidades de Crédito
EBITDA	Resultados antes de Juros, Impostos, Depreciações e Amortizações (do inglês, *Earnings Before Interest, Taxes, Depreciation and Amortization*)
ENI	Empresários em Nome Individual
FSE	Fornecimentos e Serviços Externos
IC	Instituições de Crédito Residentes
IES	Informação Empresarial Simplificada
INE	Instituto Nacional de Estatística
p.p.	Pontos Percentuais
PIB	Produto Interno Bruto
PME	Pequenas e Médias Empresas (exclui as microempresas)
RLP	Resultado Líquido do Período
SEC 2010	Sistema Europeu de Contas Nacionais e Regionais de 2010
SNC	Sistema de Normalização Contabilística
SNF	Sociedades Não Financeiras

Referências

Banco de Portugal (2008), "Reporte simplificado: incorporação da Informação Empresarial Simplificada nas Estatísticas das Empresas Não Financeiras da Central de Balanços", *Suplemento ao Boletim Estatístico*, 1/2008, maio de 2008.
http://www.bportugal.pt/pt-PT/Estatisticas/PublicacoesEstatisticas/Paginas/SuplementosaoBoletimEstatistico.aspx

Banco de Portugal (2011), "Central de Responsabilidades de Crédito", *Cadernos do Banco de Portugal*, n.º 5, maio de 2011.
http://www.bportugal.pt/pt-PT/PublicacoeseIntervencoes/Banco/CadernosdoBanco/Paginas/CadernosdoBanco.aspx

Banco de Portugal (2013), "Estatísticas das Empresas não Financeiras da Central de Balanços – Notas metodológicas", *Suplemento ao Boletim Estatístico*, 2/2013, outubro de 2013.
http://www.bportugal.pt/pt-PT/Estatisticas/PublicacoesEstatisticas/Paginas/SuplementosaoBoletimEstatistico.aspx

Banco de Portugal (2013), "Estrutura e Dinâmica das Sociedades Não Financeiras em Portugal 2006-2012", *Estudos da Central de Balanços*, n.º 12, novembro de 2013.
http://www.bportugal.pt/pt-PT/ServicosaoPublico/CentraldeBalancos/Paginas/EstudosdaCentraldeBalancos.aspx

Banco de Portugal (2013), "Análise Setorial das Sociedades Não Financeiras em Portugal 2012/2013", *Estudos da Central de Balanços*, n.º 13, novembro de 2013.
http://www.bportugal.pt/pt-PT/ServicosaoPublico/CentraldeBalancos/Paginas/EstudosdaCentraldeBalancos.aspx

Banco de Portugal (2014), "A Economia Portuguesa", *Relatório do Conselho de Administração*, abril de 2014.
http://www.bportugal.pt/pt-PT/PublicacoeseIntervencoes/Banco/RelatConselhoAdministracao/Paginas/default.aspx

Banco de Portugal (2014), Boletim Económico, outubro de 2014.
http://www.bportugal.pt/pt-PT/EstudosEconomicos/Publicacoes/BoletimEconomico/Paginas/BoletimEconomico.aspx

Decreto-Lei n.º 381/2007, de 14 de novembro, relativo à definição da Classificação Portuguesa de Atividades Económicas, Revisão 3 (CAE-Rev.3).

Recomendação da Comissão Europeia, de 6 de maio de 2003, relativa à definição de micro, pequenas e médias empresas (2003/361/CE).

Regulamento (UE) n.º 549/2013 do Parlamento Europeu e do Conselho, de 21 de maio de 2013, relativo ao Sistema europeu de contas nacionais e regionais na Comunidade.

Estudos da Central de Balanços

1 | Quadros da empresa e do setor, novembro 2010
2 | Estrutura e dinâmica das sociedades não financeiras em Portugal, dezembro 2010
3 | Análise setorial das sociedades não financeiras em Portugal, setembro 2011
4 | Análise setorial das indústrias alimentares, novembro 2011
5 | Análise setorial do alojamento, restauração e similares, novembro 2011
6 | Novos quadros da empresa e do setor: adaptação ao sistema de normalização contabilística, dezembro 2011
7 | Análise setorial das sociedades não financeiras em Portugal 2010/2011, abril 2012
8 | Análise setorial das sociedades não financeiras em Portugal 2011/2012, novembro 2012
9 | Análise setorial da indústria dos têxteis e vestuário, novembro 2012
10 | Análise setorial da indústria do calçado, novembro 2012
11 | Análise do setor agrícola, dezembro 2012
12 | Estrutura e dinâmica das sociedades não financeiras em Portugal 2006-2012, novembro 2013
13 | Análise setorial das sociedades não financeiras em Portugal 2012/2013, novembro 2013
14 | Análise do setor automóvel, dezembro 2013
15 | Análise do setor da construção, janeiro 2014
16 | Análise do setor das atividades de informação e comunicação, abril 2014
17 | Análise do setor do turismo, outubro 2014
18 | Análise setorial das sociedades não financeiras em Portugal 2009-2014, novembro 2014